

“COM DESTINO AO CAMPO PARA UMA AULA PRÁTICA”¹: RELATÓRIOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS RURAIS EM SERGIPE (1948 - 1950)***“THE OUTBACK AS THE DESTINATION FOR A PRACTICAL CLASS”:
RURAL-TEACHER TRAINING REPORTS IN SERGIPE (1948 - 1950)******“CON DESTINO AL CAMPO PARA UNA CLASE PRÁCTICA”:
FORMACIÓN DE MAESTRAS RURALES EN SERGIPE (1948 - 1950)***Rony Rei do Nascimento SILVA²Ilka Miglio de MESQUITA³Ana Beatriz Nunes de SOUZA⁴

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo compreender a formação da mentalidade agrícola nos relatórios produzidos por professoras primárias rurais no estado de Sergipe, abrangendo os anos de 1948 e 1950. Os relatórios foram produzidos para fins de avaliação dos cursos de técnicas agrícolas realizados no Aviário Dom Pedro II, por solicitação do professor José Ribeiro Filho, mas acabaram por relevar aspectos sobre a formação das professoras rurais. Para o desenvolvimento desta narrativa histórica, optou-se pela pesquisa documental e pela pesquisa bibliográfica, a serem desenvolvidas por meio de localização e análise de fontes documentais, bem como de leitura de bibliografia especializada. Por fim, conclui-se que os relatórios foram produzidos em um período histórico marcado por iniciativas em moldar a escola primária em consonância com o meio rural para a construção de uma escola especificamente rural, ou seja, com desígnios, infraestrutura, programas de ensino e professores especializados.

Palavras-chave: Formação de professores. Educação rural. Mentalidade agrícola.

ABSTRACT: *The goal of this paper is to understand the agricultural mindset in the reports produced by rural elementary teachers in the state of Sergipe between 1948 and 1950. The reports were requested by Professor José Ribeiro Filho to assess the agricultural technique courses of the Dom Pedro II aviary, and reveal details of the teachers' training. This work was brought about through documentary and literature reviews; localizing and analyzing documentary sources and reading specialized literature. Overall, it is concluded that the reports were created during an historic period marked by initiatives to shape the elementary school together with the rural*

¹ O trecho foi retirado de um relatório produzido para fins de avaliação dos cursos de técnicas agrícolas realizados no Aviário Dom Pedro II, por solicitação do professor José Ribeiro Filho, em 1949.

² Doutorando em Educação, Mestre em Educação, Bacharel em Serviço Social, Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp), Marília, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2195-9459>. E-mail: rony.rei@unesp.br

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes (Unit), Aracaju, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5071-2415>. E-mail: ilkamiglio@gmail.com

⁴ Graduação em História pela Universidade Tiradentes (Unit), Aracaju, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4522-4967>. E-mail: anabeatriznunesdesouza@gmail.com

environment to create a specifically rural school with specialized designs, infrastructure, teaching programs, and teachers.

Keywords: *Teacher training. Rural education. Agricultural mindset.*

RESUMEN: *El objetivo de este artículo es comprender la formación de la mentalidad agrícola en los informes producidos por las maestras de primaria rurales del estado de Sergipe entre los años 1948 y 1950. A solicitud del profesor José Ribeiro Filho, los informes fueron producidos con el propósito de evaluar de los cursos de técnicas agrícolas del Aviário Dom Pedro II y revelan aspectos de la formación de las maestras rurales. Para el desarrollo de esta narrativa histórica, se optó por la investigación documental y la investigación bibliográfica; desarrolladas a través de la localización y análisis de fuentes documentales, así como a través de la lectura de bibliografía especializada. Finalmente, se concluye que los informes se produjeron en un período histórico marcado por iniciativas para moldear la escuela primaria en línea con el entorno rural y construir de una escuela específicamente rural, es decir, con diseños, infraestructura, programas de enseñanza y profesores especializados.*

Palabras clave: *Formación docente. Educación rural. Mentalidad agrícola.*

Introdução

Que lindos tomates! Os pés estavam tão carregados que admiravam as futuras professoras de agricultura. Eis, portanto o meu relatório.⁵ (SILVA, 1948, p. 2).

O texto que seguirá pelos olhos do leitor trata-se de uma narrativa histórica, e, como sugeriu a epígrafe, conta as experiências vividas pelas professoras primárias rurais no estado de Sergipe, sobretudo por ocasião da realização do curso de técnicas agrícolas, sob a supervisão do professor José Ribeiro Filho, em 1948. O relatório da aluna Isabel Oliveira Silva guardou detalhes da aula no Aviário Dom Pedro II, especialmente pela visita ao galinheiro industrial, incubadoras e hortas, que envolvia o conhecimento sobre técnicas de criação de animais e cultivo de legumes.

A porta de entrada para esses relatórios foi o envolvimento em investigações conjuntas, colaborações e intercâmbios, como o Projeto de Iniciação Científica intitulado *Numa mão a caneta e noutra o arado: relatórios de formação de professores*

⁵ Na narrativa histórica aqui construída foram preservados os termos de época, para não recair em anacronismos léxicos-semânticos. Na transcrição e apropriação do relatório teve-se o cuidado de manter a sua forma e ortografia original. Em muitos casos seus escritos contêm erros semânticos e sintáticos, próprios de boa parte dos contemporâneos e contemporâneos dos autores. Outra decisão foi a de manter as citações diretas dos relatórios em seu tamanho original, tendo em vista a pertinência dos excertos, considerando que o trabalho tem como fonte principal os relatórios.

*rurais em Sergipe (1950)*⁶, vinculado ao Projeto Nacional *Formação e Trabalho de Professoras e Professores Rurais no Brasil: RS, PR, SP, MG, RJ, MS, MT, MA, PE, PI, SE, PB, RO (décadas de 40 a 70 do século XX)*.

“Perceber e entender o passado histórico colabora para a compreensão do presente bem como nos oferece pistas do que pode vir a ser o futuro” (SANTOS; ALVES, 2020, p. 228). Nesse sentido, buscamos compreender a formação da mentalidade agrícola nos oito relatórios produzidos por professoras primárias rurais, no contexto das aulas práticas dos cursos de técnicas agrícolas realizados no Aviário Dom Pedro II, no período que abrange os anos de 1948 a 1950. As autoras dos relatórios consistiam em professoras primárias rurais em exercício, que, por ocasião das férias do ano letivo, estavam realizando uma aula prática de técnicas agrícolas.

Como fruto deste curso, foram produzidas centenas de relatórios por solicitação do professor e técnico agrícola José Ribeiro Filho, oito destes aqui são tomados enquanto documentos para este texto, pela importância dada pelos autores no sentido de compreensão do tempo histórico e da experiência vivida na formação de professoras primárias rurais.

A leitura e a análise inicial dos relatórios nos fizeram levantar perguntas: Quais são os aspectos temático-conteudísticos? Quais as características dos autores e do professor a quem se destinavam os relatórios? Em que momento histórico foram produzidos? Quais necessidades e finalidades respondiam?

O momento histórico de produção dos relatórios coincide, não por acaso, com o movimento de expansão das escolas rurais em Sergipe. Foi mais precisamente entre os anos de 1947 e 1951 que foram edificadas 218 escolas primárias rurais, número considerado significativo em relação à extensão territorial do estado. Segundo Silva (2016, p. 183), esse período é lembrado pela: “[...] grande expansão do número de unidades escolares e matrículas, atingindo patamares sem precedentes até então na história do estado de Sergipe.” Com isso, para dar conta da: “[...] mudança da mentalidade exigia-se a construção de um(a) novo(a) professor(a)” (SILVA; MESQUITA, 2016, p. 135). Segundo Silva e Mesquita (2018a), no Brasil essa nova mentalidade agrícola consistia em:

⁶ Programa Voluntário de Iniciação Científica da Universidade Tiradentes (Provic/Unit).

[...] iniciativas de moldar a escola primária em conformidade com o meio para a proposição de uma escola de caráter especificamente rural, ou seja, com desígnios, infraestrutura, programas de ensino e professores especializados que pudessem criar nas crianças uma nova mentalidade agrícola, isto é, o apreço pela vida rural compreendendo a importância da atividade agrícola para o desenvolvimento econômico e social [...]. (SILVA; MESQUITA, 2018a, p. 28).

Neste sentido, a escola rural foi concebida enquanto uma agência modernizadora do homem e do seu trabalho, e, mais do que isso, propunha-se a formar alunos e professores dentro de uma nova mentalidade. Segundo Silva e Mesquita (2018b), o meio rural era marcado pelo uso de: “[...] instrumentos ultrapassados no trabalho agrícola; as condições impróprias de salubridade das moradias; o êxodo; a escassez de recursos médicos, sanitários e higiênicos; a carência de rodovias e estradas.” (SILVA; MESQUITA, 2018b, p. 1347). A educação deveria ser capaz de modernizar o homem, de modo que transformasse o “Jeca Tatu⁷” em um brasileiro trabalhador, saudável, disciplinado e produtivo.

Tal movimento não foi fruto apenas de iniciativas do governo local, mas descendeu de uma política nacional e internacional, liderada no Brasil pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra, financiado e gerenciado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), órgão representativo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Neste sentido, ao longo do século XX, o governo federal e os governos estaduais brasileiros valeram-se amplamente do argumento estrangeiro para legitimar políticas para a educação rural. Nas décadas de 1940 e 1950, o professor norte-americano Robert King Hall, da Columbia University, prestou uma assessoria ao Inep para auxiliar na execução do Programa de Organização do Ensino Primário. Durante a sua estadia de cinco anos no Brasil, esse educador visitou vários estados do país, incluindo o estado de Sergipe, propôs um novo modelo de escola primária rural a ser adotado e treinou professores de escolas rurais, em cursos promovidos pelo Inep. Assim, o período destacou-se não somente pelo aumento das oportunidades educacionais no meio rural,

⁷ A figura do Jeca Tatu foi criada por Monteiro Lobato em sua obra *Urupês*, composta por 14 histórias embasadas no cotidiano do trabalhador rural paulista. Representa a situação do caipira brasileiro, indigente, roto, doente, preguiçoso, relegado pelos poderes públicos à privação econômica, social e educacional. Posteriormente esse personagem foi representado no cinema por Mazzaropi, no filme *Jeca Tatu* (1959).

como também experiências de escolas tipicamente rurais⁸ e instituições e programas de formação de professores rurais. Alguns dos expoentes desse movimento em Sergipe foram: o governador José Rollemberg Leite, o diretor do Departamento de Educação Acrísio Cruz e o professor e técnico agrícola José Ribeiro Filho.

A realidade educacional dos professores da zona rural reclamava intervenções que pudessem melhorar suas atuações, sendo assim, iniciativas governamentais foram pensadas para dar conta da formação do magistério primário rural. O baixo alcance das Escolas Normais Rurais “Murilo Braga” e “Sílvio Romero” no estado, evidenciado pelo contingente de professores leigos, se constituiu um fator preocupante nos rumos da educação rural em Sergipe, embora não se pudesse negar a contribuição dos professores “não titulados”. Assim, cursos de treinamento e aperfeiçoamento surgiram a partir de iniciativas do governo federal em parceria com o governo local.

Sobre este tema, Siqueira (2019) buscou compreender como se configuraram as estratégias e táticas de formação e de atuação do professor primário rural em Sergipe no recorte temporal de 1946 a 1963, no sentido de compreender a formação do professor rural em Sergipe. Com efeito, mapeou os Acordos de Cooperação Técnica para a educação rural firmados entre o Brasil e os Estados Unidos da América em meados das décadas de 1940 a 1960, bem como sua relação com a Unesco e as Recomendações que deles resultaram, além de desenvolver um trabalho de interpretação das memórias dos professores primários rurais. Neste sentido, Siqueira (2019) defendeu a tese de que:

[...] a estratégia adotada para a formação dos professores rurais em Sergipe, no período estudado, esteve baseada em processos de in/re/formação aligeirada para atender proforma o que rezavam os Acordos e as políticas nacionais de educação no tocante ao meio rural. Além disso, os professores formados a partir de referenciais teórico-metodológicos para atuarem na perspectiva de contribuir para modernizar a educação rural não foram ao campo, deixando uma lacuna que foi preenchida por professores leigos e que, mesmo fazendo cursos de aperfeiçoamento, não puderam atender aos anseios das normativas estatais e com isso lançaram mão de táticas para atuar na escolar rural e burlar o que estava prescrito nas políticas educacionais. (SIQUEIRA, 2019, p. 10).

⁸ Essas se constituíam em escolas que deveriam ter um terreno de no mínimo 10.000 (dez mil) metros quadrados destinados para as práticas de cultivo de hortaliças. O prédio escolar deveria comportar uma sala de aula, um pátio para recreio e uma residência para professora. Vale ressaltar que o modo como essas escolas tipicamente rurais foram adotadas em cada estado brasileiro ainda requer maior número de investigações. A este respeito, ver Silva (2016).

Os relatórios-fontes foram preservados do esquecimento, podendo ser localizados no acervo do Arquivo Público do Estado de Sergipe⁹. Trata-se de um documento que expressa de forma mais detalhada as atividades que foram desenvolvidas no curso. Dentre o material selecionado, recuperado e reunido, foram eleitos oito relatórios manuscritos pelas seguintes professoras:

Quadro 1 - Nome das alunas e ano de produção do relatório.

Aluna	Ano
Olga Coelho Fontes	1948
Isabel Oliveira Silva	1948
Não identificado	1948
Leticia Soares Santana	1948
Isabel Alves Silva	1948
Maria José dos Santos	1948
Dalva Melo de Araújo Rodrigues	1948
Não identificado	1948

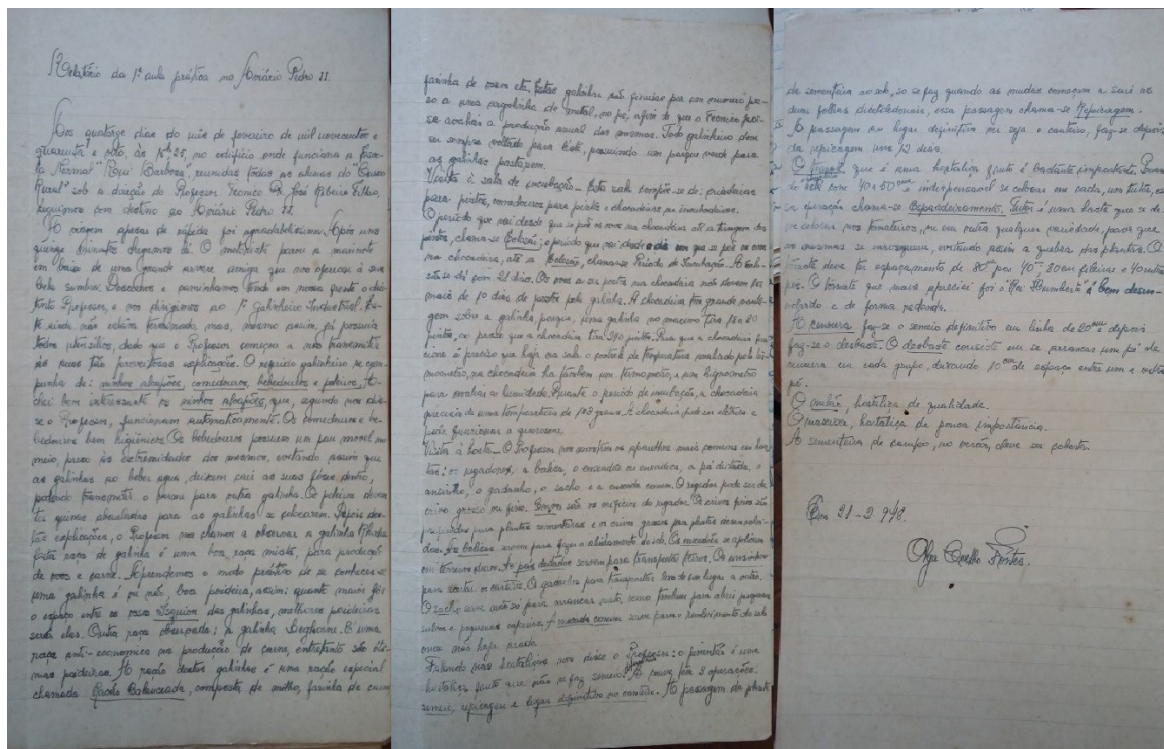
Fonte: Arquivo Público do Estado de Sergipe.

O processo de escolha dos oito relatórios se fez com base no critério de saturação¹⁰. No entanto, a escolha do relatório também é resultante das predileções dos pesquisadores aqui envolvidos, que elegeram, dentre as fontes, documentos específicos para a operação histórica. Trata-se, portanto, de interrogar os documentos na posição de um leitor contemporâneo que se esforça por compreender como o sentido da experiência vivida configura-se nos discursos produzidos pelos sujeitos de cada momento. O conjunto de imagens abaixo retrata as páginas do relatório.

⁹ O Arquivo Público Estadual de Sergipe (Apes) está localizado na Praça Fausto Cardoso, nº 348. Bairro: Centro. CEP: 49015-000 – Aracaju/ SE.

¹⁰ O ponto de saturação sugere que a partir de certo número de narrativas, o pesquisador tem a impressão da constante repetição no que se refere ao objeto de estudo.

Figura 1 - Relatório da professora Olga Coelho Fontes, 1948.



Fonte: Arquivo Público do Estado de Sergipe.

No caso desse relatório, tem extensão de três páginas, manuscrito com caneta azul em papel pautado 22.00cm X 31.00cm. Sequencialmente dividido em oito parágrafos, com cabeçalho indicando a natureza do texto: “Relatório da 1ª aula prática no Alviário Dom Pedro II”; e, ao final, a assinatura da autora com data. Tais documentos foram devidamente transcritos em Microsoft Word 2010 e posteriormente colocados à disposição dos pesquisadores do Projeto Nacional *Formação e Trabalho de Professoras e Professores Rurais no Brasil: RS, PR, SP, MG, RJ, MS, MT, MA, PE, PI, SE, PB, RO (décadas de 40 a 70 do século XX)*.

Nesta perspectiva, esses relatórios foram mediadores na busca de compreensão, explicação e interpretação de como se construiu a mentalidade agrícola no relatório aqui estudado. Para continuar a movimentar a narrativa histórica, interrogamos: O que pode revelar os relatórios das professoras em relação à formação da mentalidade agrícola via cursos de formação de professores?

No papel pautado as experiências vividas...

Relatório de uma aula prática em 14 - 02 - 1948

Em um dia de sábado, às 3 horas da tarde, tomamos a marinete em frente à escola normal, com destino ao campo para uma aula prática. Lá chegando, ao deixarmos o transporte primeiro visitamos um galinheiro industrial com ninhos alçapões, onde as galinhas põem. Em seguida, comedores armações de poleiros incompletos.

Eles têm quinas abauladas para melhor posição dos ovos.

Raças de galinhas: Rhodes e Lagorne. Aquela raça mista com produção de carne e ovos. Esta apropriada para a produção de carne e ovos.

Conhecimento de galinhas poedeiras: elas têm dois ossos, que quanto mais longo, melhor poedeira. A êste espaço, dar-se o nome de Ísquio.

Por que: todo galinheiro deve ter uma área com alimento para as galinhas.

Sala de incubação

É posta de criadeira e coedôres para pinto de 10 a 30 dias. Há as chocadeiras ou incubadoras onde os ovos chocam-se e saem pintinhos. Os ovos devem ser postos na chocadeira com idade máxima de 10 dias. Uma chocadeira comporta 240 a 500 ovos. (S/A, 1948a, p. 1).

O relatório acima produzido por um(a) dos(as) alunos(as) do curso de técnicas agrícolas é revelador das aspirações de políticos, intelectuais e educadores em formar no professorado sergipano uma mentalidade agrícola. Em tempos em que a figura do “tabaréu da roça” perpassava pelo imaginário social enquanto um sujeito tímido, roto, que trabalhava com a terra de maneira isolada, com técnicas e métodos arcaicos e somente para o sustento da família, o novo projeto de sociedade tinha por missão transformar o pobre homem rural em um novo sujeito. No estado de Sergipe, uma das primeiras iniciativas concerne aos Cursos Intensivos de Educação Rural, como relata a mensagem do governador José Rollemberg Leite:

Para a formação de pessoal docente, instituímos um Curso intensivo de Educação Rural, com uma matrícula de cêrca de 140 professoras, sob a direção de um técnico agrícola, desenvolvendo um programa bastante prático, que corresponde ao que foi planejado por aquele Departamento. De fato, maior despesa se tem a fazer. A aquisição de material didático espacial para aquele ramo de ensino não se fez sem o dispêndio de, pelo menos, dois mil cruzeiros por escola. (SERGIPE, 1948, p. 13).

À medida que se expandia a escola rural, fazia-se necessária a formação de professores, tendo em vista os preceitos ruralistas. Deste modo, para além de escolas equipadas com uma materialidade específica, era preciso de sujeitos preparados para desempenhar o papel de professores rurais ante as comunidades. Segundo o governador: “À medida que foi possível, deu-se organização típica rural de muitas escolas, para que foram aparelhadas de instrumental agrícola além de manter-se um trabalho intenso de preparo do professorado que se habilitou à tarefa docente rural.” (SERGIPE, 1949, p. XIV). Nesta direção, os cursos tinham por objetivo familiarizar os professores com trabalho agrícola, uma vez que, de acordo com José Rollemberg Leite:

As professoras rurais receberam orientação em cursos intensivos instituídos pelo Departamento de Educação. Nesses cursos se observaram programas organizados em função das realidades nas terras cultiváveis do nosso Estado. As aulas práticas fôram ministradas no campo, em lugares do interior, sem o que não se conseguira uma situação real de trabalho, em fase do que, cada mestra adquire, de pronto, as aptidões necessárias para dificuldades, na tarefa docente nova que estão enfrentando com entusiasmo. (SERGIPE, 1951, p. 74).

Nas décadas de 1940 e 1950 houve Cursos Intensivos de Educação Rural. No ano de 1948, foram matriculados cerca de 160 professores, sob a coordenação do técnico agrícola José Ribeiro Filho. O curso era ministrado no período das férias com duração de 60 dias, composto de aulas teóricas realizadas no Instituto de Educação Rui Barbosa e parte das aulas práticas no Aviário “Dom Pedro II”. O curso foi dirigido pelo professor Exaupero Monteiro, Inspetor Geral do Ensino Normal e Primário, e pelo professor Acrísio Cruz. O curso era ofertado pelo departamento de Educação Rural do estado de Sergipe e as turmas eram divididas em “A”, “B” e “C”. Neste sentido, o professor e técnico agrícola José Ribeiro Filho, além de acompanhar a implantação das escolas primárias rurais, também

[...] orientava as professoras que já estavam preparadas, porque elas foram convocadas para fazer um curso rural, a fim de se tornarem aptas a reger essas escolas que além da parte pedagógica tinha também a parte técnica. Então nós fazíamos isso para não haver prejuízo escolar... nós fazíamos isso no período de férias, eram convocadas no período de férias. (BARRETO, 2006, p. 185).

Por certo, não seria possível transformar a mentalidade da comunidade rural sem criar uma nova mentalidade docente, via cursos de formação. Os conteúdos do curso

contemplavam conhecimentos vinculados à vida rural que diferenciam e identificam as especificidades dos cursos de formação para professores rurais de outros tipos de cursos de formação de professores da época. No que se refere às disciplinas ministradas nesses cursos intensivos, encontram-se evidências de disciplinas que contemplavam conhecimentos de domínio agrícola e pecuário, como é possível averiguar na mensagem do governador José Rollemberg Leite:

Agronomia Geral e Especial – Zootécnica Geral e Especial – Horticultura Geral e Especial – Avicultura Pomicultura – Combate às doenças e pragas das plantas cultivadas – Tecnologia – Jardinocultura – Palestras sobre organização e finalidades dos Clubes Agrícolas. (SERGIPE, 1950, p. 54).

Também compunham os currículos de tais cursos as disciplinas de Noções de higiene rural, Indústrias rurais, Instituições complementares à escola, Administração escolar, Noções de higiene e veterinária, Noções de agricultura, Noções de pozicultura e horticultura, Criação de animais domésticos.

Os professores que ministravam essas disciplinas no estado de Sergipe eram considerados os melhores docentes no ramo, a saber: Emmanuel Franco, considerado no estado como o cientista da agricultura, entre outros, a exemplo de José Menezes de Oliveira, Elze Silva Dantas, Júlio de Oliveira e Acrísio Cruz. O professor e técnico agrícola José Ribeiro Filho era o responsável por ministrar as aulas práticas e é lembrado com estima pela professora Olga Coelho Fontes:

Descemos e caminhamos tendo em nossa frente o distinto professor, e nos dirigimos ao 1º Galinheiro Industrial. Êste ainda não estava terminado, mas, mesmo assim, já possuía todos os utensílios, dado que o Professor começou a nos transmitir as suas tão proveitosas explicações. (FONTES, 1948, p. 2).

O curso estava dividido em parte teórica e prática, esta última consistia na visita ao galinheiro industrial. Segundo os relatórios da professora Olga Coelho Fontes:

O referido galinheiro se compunha de: ninhos, alçapões, comedouros, bebedouros e poleiros. Foi bem interessante os ninhos e alçapões, que segundo nos disse o professor, funcionam automaticamente. Os comedouros e bebedouros bem higiênicos. Os bebedouros possuem um pau no meio, preso às extremidades do mesmo, evitando assim que as galinhas ao beber água, deixem cair as suas fezes dentro, podendo transmitir o verme para outra galinha. Os poleiros devem ter

quinas abauladas para as galinhas se colocarem. Depois destas explicações, o Professor nos chamou a observar a galinha Rhodes. Esta raça de galinha é uma boa raça mista, para produção de ovos e carne. Aprendemos o modo prático de se conhecer se uma galinha é ou não, boa poedeira, assim: quanto maior fôr o espaço entre as asas Isquion das galinhas, melhor poedeiras serão elas. Outra raça observada: a galinha Leghorne. É uma raça anti-econômica na produção de carne, entretanto são ótimas poedeiras. A ração destas galinhas é uma ração especial chamada Ração Balanceada, composta de milho, farinha de carne, farinha de ossos etc. Estas galinhas são fixadas por um número preso a uma argolinha de metal, no pé, a fim de que o técnico possa analisar a produção anual das mesmas. Todo galinheiro deve ser sempre voltado para o leste, possuindo um parque verde para as galinhas pastarem. (FONTES, 1948, p. 1)¹¹.

Segundo o relatório da aluna Isabel Oliveira Silva:

Descemos da marinete. Agora não mais conversar. Logo após fomos tomar alguns apontamentos sobre as aves, cuja se destacou a galinha. Entramos em um dos apartamentos aonde vimos uma das variedades de galinha – Rhodes, que é própria para carne e ovos; daí a chamar-se galinha mista. O que mais impressionou a nossa vista foram os galinheiros onde as galinhas põem. É de uma espécie admiradora. Disse-nos o professor que esses galinheiros são chamados ninhos automáticos ou alçapões destinados a aprenderem as galinhas quando estas vão pôr. Também nos explicaram que os poleiros devem ser abaloados, isto é, sem quinas. Há também nas instalações do galinheiro alguns bebedores, como também ração balanceada ou comedores próprio para alimentação da galinha, de uma tal forma que ali não deixa cair fezes. Dez minutos depois que assistimos esta sala dirigimo-nos a sala de incubação. Nesta sala há uma criadeira para pintos até a idade de 21 dias mais ou menos. Há também uma espécie de comedores para estes. Depois fomos olhar a chocadeira. Estava com 200 a 500 ovos. Na chocadeira faz controle de temperatura para aquecer os ovos, como também o controle da humanidade. Depois dá-se a explosão que é o nascimento dos pintos com 21 dias. Logo depois dirigimo-nos a outra sala onde encontramos uma outra raça Cejous. Dizem que esta raça produz cerca de 300 ovos por ano. Observei também, que cada uma dessas galinhas trazia uma argola numerada em volta da perna. Nas explicações o Professor disse que isto servia para verificar qual delas põe maior ou menor quantidade de ovos por ano. Também nos explicou que todo criatório de galinha deve haver um pequeno comedouro, para a alimentação desta, e que todo galinheiro deve ter a frente voltada para o Leste. (SILVA, 1948, p. 1-2).

¹¹ Conforme já mencionado anteriormente, este artigo foi produzido em função de divulgar na íntegra as transcrições dos relatórios e, conseqüentemente, servir de fonte para a posteridade. Nessa perspectiva, optamos por utilizar as citações dos relatórios em seu tamanho original e, com isso, preservar o tom narrativo e, sobretudo, a originalidade da pesquisa histórica.

Sobre este mesmo tema, pode-se ler em outro relatório não identificado:

Lá chegando, tivemos como primeiro plano observar um viveiro de galinha, o qual estava ainda incompleto constando de comedores, bebedores, ninhos alçapões, poleiros com quinas e etc. Ou encontramos galinhas rodes, as quais são possuidoras de grande beleza. Em outro poleiro encontramos galinhas legôrmias. Depois fomos à sala de incubação na qual encontramos chocadeiras, incubadoras, criatório de pintos, comedores, bebedores e termômetros etc. As chocadeiras tem a temperatura para avaliar inferior, usa-se outro combustível para mais aquecê-lo. (S/A, 1948a, p. 1).

De acordo com a aluna Leticia Soares Santana:

Ao chegarmos ao lugar determinado logo após soltarmos da marinete tivemos uma lição sobre as aves granívoras. Fomos ao galinheiro, a comida das galinhas chama-se ração balanceada; o lugar onde põem milho alçapão. Fomos ainda a casa de incubação; na chocadeira; os mesmos postos na chocadeira, com 21 dias dá-se a explosão, isto é: nascem os pintos. Após a explicação sobre as aves o nosso professor nos deu outra sobre a cultura do campo. Vimos vários instrumentos como sejam: regador, sacho, transportador, ancinho e muitos outros etc. Conheci inúmeros produtos, entre eles vou me estender um pouco sobre o tomate, que é muito apreciado na arteculinária. Planta-se em lugar definitivo com a distância de 30x40, quando está com 40cm mais ou menos fazemos o espaldeiramento. O lucrativo da criação de galinhas pode ser feita com vantagem pelos que possuem pequenos recursos e por aqueles que podem nela investir grandes capitais. Todos os povos revelam o maior interesse pela criação das aves domésticas que representam importantíssimo papel na alimentação humana, fornecendo a carne e produzindo os ovos. Foi uma iniciativa digna de maior ecômios. Diretor geral do departamento de Educação organizar este curso rural, além de concordar para o maior levantamento de Sergipe no meio das demais unidades federais e tornar os seus filhos mais amigos da turma e mais ciosos do seu patrimônio, plena causa, porém nos entristece a quantidade do tempo. Bem, agora estamos de volta. Aprendemos muitas coisas boas sôbre avicultura. Fizemos um ótimo exercício físico. (SANTANA, 1948, p. 1-2).

Segundo o relatório da aluna Isabel Alves Silva:

Aí vimos diversas galinhas pertencentes à raça Rhodes, galinhas bem formadas, de corpo bem carnoso. É uma raça muito produtora de uma infinidade de ovos. Todas as galinhas são numeradas nos pés; assim sendo é para facilitar ao encarregado a avaliação do rendimento animal. Foi-nos dito o modo de se criar as aves. O tempo determinado p^a aparecer o primeiro pintinho fora da casca do ovo (eclosão) é o mesmo como se fora a própria galinha. Deve, o ovo pesar 60 gramas, p^a isto tem-se um aparelho chamado classificador. Na mesma sala o

professor mostrou-nos um termômetro, usado para avaliar a temperatura da chocadeira que deve atingir a 130 graus durante a incubação. O hidrogênio é outro instrumento utilizado no controle da humidade da chocadeira. Terminada esta importante explicação sobre as partes que visitamos, do Aviário, o professor conduziu a Horta, um pouco abaixo do aviário.

Chegamos, depois de descermos uma pequena ladeira. O que primeiro ouvimos fora os instrumentos principais usados na agricultura, são estes os seguintes: o enxadão usado p^a terrenos duros, pás, p^a transporte de terras, enxadas, o mais comum dos instrumentos serve p^a capinar, mover o solo. Vimos as partes para confecção de um galinheiro, aprendemos a tratar do mesmo, vimos o comedouro e a hedousão apropriados. Neste há uma divisão, com o fim de evitar que as galinhas derramem suas fezes na ração ou água. São pelas fezes que acontece morte das galinhas ocasionadas por micróbios. Conhecemos a moda de saber qual a galinha mais poedeira, coloca-se os dedos entre os isguions, se o esforço for grande é boa poedeira. Em segredo entramos no 2^o galinheiro. Empoleirada estavam outra série de galinhas de raça diferentes, a cegonha. Estas galinhas dessa raça são as melhores produtoras em ovos. A composição do galinheiro é idêntica do primeiro. A alimentação destas aves são rações compostas de todas as substâncias alimentícias. Depois de recebermos estas noções, nos dirigimos à sala de incubação. Ao mínimo 2 tipos de criadouros, 2 de chocadeiras ou incubadoras. (SILVA, 1948, p. 1-2).

Conforme o relatório da aluna Maria José dos Santos:

Onde se cria galinha chama-se aviário. Um aviário ou galinheiro deve a fundo ser voltado para o leste afim de que penetre os raios solares que é o maior desinfetante entre as moléstias das galinhas. Este deve ser fácil para o arejamento. Todo aviário deve possuir um pasto gramado para as galinhas pastarem. Existem diversas qualidades de galinhas: galinhas mistas, ou seja, galinhas que servem para carne e ovos chama-se Rhodes. Galinhas poedeiras próprias para ovos sua produção anual é mais ou menos de 800 ovos. Criatório de galinhas.

Já conhecemos um meio mais prático para criarmos pinto nem precisamos de galinhas. Arranja-se uma certa quantidade de crias em 200, 500 ou 600 ovos de acordo com a imbernadeira ou chocadeiras. Os ovos a serem postos na incubadora não devem ter mais de 10 dias depois da postura da galinha. Na chocadeira tem lâmpadas ou temperaturas graduadas. Por cima da chocadeira coloca-se teto que é uma tela arrodada de madeira, esta retira no período de sair os pintos. As chocadeiras podem funcionar a querosene; gasolina ou a eletricidade. Depois que dá a eclosão leva-se os pintos para a criadeira, os pintos levam na criadeira 30 a 60 dias, as chocadeiras tem temperatura de 36 a 38 graus. Na sala onde havia galinhas nos poleiros estes são arrodados de madeira tudo de uma só altura e tamanho cômodos, com ração balanceada. Bebedores com água. O lugar onde as galinhas que põem são chamadas de galinheiros industriais é automático as galinhas entram nos ninhos sem preocupação dos moradores deste serviço os ninhos são como ligação.

Depois da postura é que vai voltar a galinha e apanha os ovos. (SANTOS, 1948, p. 1).

As impressões do Aviário “Dom Pedro II” registraram a automatização no processo de criação e abate de frangos. As alunas relataram um conjunto de técnicas e métodos voltado para a higiene e a dieta das galinhas, o que indica a preocupação em tornar a avicultura moderna e extensiva no estado de Sergipe. As galinhas eram sistematicamente separadas por raças e todo processo era monitorado por técnicos especializados, desde a sala de incubação: “Esta sala compõe-se de: criadeira para pintos, comedouros para pintos e chocadeira ou incubadoras” (FONTES, 1948, p. 2), até o abate. A visita à sala de incubação também foi relatada com detalhes, nesse momento, conceitos como eclosão e incubação foram apresentados pelo professor:

O período que vai desde que se põe os ovos na chocadeira até a tiragem dos pintos, chama-se eclosão; O período que vai desde o dia em que se põe os ovos na chocadeira, até a eclosão, chama-se de Incubação. A eclosão se dá com 21 dias. Os ovos a ser postos na chocadeira não devem ter mais de 10 dias de postos pela galinha. A chocadeira tem grande vantagem sobre a galinha, porque, uma galinha no máximo tira 18 a 20 pintos, ao passo que a chocadeira tira 240 pintos. Para que a chocadeira funcione é preciso que haja na sala o controle de temperatura avaliada pelo termômetro, na chocadeira há também um termômetro, e, um higrômetro para avaliar a humidade. Durante o período de incubação, a chocadeira precisa de uma temperatura de 103 graus. A chocadeira pode ser elétrica e pode funcionar a querosene. (FONTES, 1948, p. 2).

O conhecimento sobre o período de eclosão e incubação, bem como a contabilidade de ovos e pintos, é indicativo da introdução de saberes veterinários na produção. A presença do termômetro e higrômetro indica a tentativa de construir uma arrojada tecnologia para uma época em que as galinhas, grosso modo, eram criadas de maneira rudimentar e precária no meio rural do estado de Sergipe. As aulas práticas incluíam a visitação à Escola Rural do povoado Sobrado (Cotinguiba), entre outras instituições. A Figura 2 mostra as professoras no cultivo das aves na referida escola rural:

Figura 2 - Professoras rurais em aula prática com animais em 1950.



Fonte: ESTADO DE SERGIPE. Relatório do Curso de formação de professores rurais (1950).

Os cursos deveriam ser espaços de aprendizagem pedagógica, de prática agrícola e de manejo de animais, bem como noções de saneamento necessárias ao interior do estado de Sergipe. A fotografia das professoras com as galinhas mostra que as atividades do curso deveriam incluir conhecimentos de domínio agrícola e pecuário para auxiliar a comunidade na qual fossem trabalhar ou estivessem inseridas, tendo em vista a transformação da mentalidade da população. Conforme enunciou Weschenfelder (2007, p. 252): “A educação rural da época foi compondo uma versão histórica da educação rural, pois foi gerando uma nova verdade sobre a escola, sobre os escolares e, sobretudo, sobre como ensinar esses sujeitos a se transformarem”. Para além do quadro e do giz, o professor José Ribeiro Filho apresentou às alunas do curso outros materiais e instrumentos ligados ao cultivo de hortaliças. Nas palavras da professora Olga Coelho Fontes:

[...] o professor nos mostrou os aparelhos mais comuns em hortas: o regador, a balisa, a enxada ou enxadeca, a pá deitada, o ansinho, o gadanho, o sacho e a enxada comum. O regador pode ser de crivo grosso ou fino. Crivos são os orifícios do regador. Os crivos finos são preferidos para plantar sementeiras e os crivos grossos para plantas desenvolvidas. As balisas servem para fazer o alinhamento do solo. As enxadões se aplicam em terrenos duros. As pás deitadas servem para transportar terras. Os ansinhos para acertar os canteiros. Os gadanhos para transportar lixo de um lugar para outro. O sacho que serve só para arrancar mato, como também para abrir pequenos sulcos e

pequenas capinas. A enxada comum serve para o revolvimento do solo onde não haja arado. (FONTES, 1948, p. 2).

Sobre esse mesmo tema relatou a aluna Isabel Oliveira Silva:

Imediatamente fomos em direção a horta, a qual fica um pouco afastada dos compartimentos galinheiro. Vamos agora tomar apontamentos sobre as hortaliças, disse o professor, indicando-nos o lugar apropriado. Ao longo avistava-se um pequeno rio que passa junto a hora. Nesta havia várias espécies de hortaliças bem como: quiabo, couve, tomate, cenoura, melão, pimentão, pimenta, etc. Estamos nós a visitar esta horta, aproxima-se um bondoso, convidando-nos a olhar outra que ficava mais além. Este velho era quem cuidava daquelas hortaliças. Neste último foi que nos trouxe bastante admiração, em olhar a fertilidade do solo e a deposição das hortaliças. [...] Em cada pé de tomate havia um pedacinhos de pau. Estes paus são chamados tutores da planta para exportar suas cargas.

Havia várias espécies de tomates, dentre os quais se destaca o Rei Humberto. Depois fomos olhar as sementeiras, onde continha muitas espécies de outra planta. Depois de ter olhado tudo isto voltamos ao lugar onde marinete já anos esperava. Dirigimo-nos até o veículo quando gastamo-nos um pouco do itinerário da nossa viagem, para conhecer uma das escolas rurais, no lugar denominado “sobrado”, a qual está sendo construída há pouco. Logo após, voltamo-nos ao ônibus, onde fez questão do lugar junto à janela, para que pudesse deitar e apreciar melhor o caminho a percorrer. (SILVA, 1948, p. 2).

De acordo com outro relatório, não identificado:

Para continuarmos nossa aula, seguimos à horta para aprendermos a importância das hortaliças, as quais servem de alimentação na vida humana. Dentre esses instrumentos empregados nos trabalhos de horticultura podemos citar: regadores de crivo fino, regadores de crivo grosso, bebedouro, escadão, pá, ancinho, escada etc. (S/A, 1948b, p. 1).

Segundo o relatório da aluna Dalva Melo de Araújo Rodrigues:

Falando nas hortaliças nos disse o professor: o pimentão hortaliça que não se faz semeio definido. A couve tem 3 operações: semeio, repicagem e lugar definitivo no canteiro. Vimos depois: canteiros de tomates, repolhos, couve etc. Quando o tomate está com 40 a 50 cm, põe-se o tutor. Este destina-se a sustentar a planta, espaldeiramento é o ato de pôr o tutor. O espaço de um a outro pé de tomate é de 30 por 40. Faz-se o semeio de cenoura definitivo de 20 cm separado um do outro e faz-se também o debate e deixa-se o pé, em espaço de 10 cm. (RODRIGUES, 1948, p. 1-2).

Segundo o relatório da aluna Maria José dos Santos:

Na horta. Havia nesta muitas hortaliças. Couve, pimentão, alface, milho, cenoura, tomate etc. Estas hortaliças ou se faz plantio definitivo ou espera a serraplanagem. Para a mistura – esta deve ser feita d’água da cal era misturado para proteger as hortaliças do sol e do meio-dia e das chuvas fortes. O caminho de um canteiro e outro chama-se rua. Cada área plantada chama-se canteiro. Nas hortaliças existem diversas moléstias, muitos são para cama das sementes que não são boas e para isto existe dois modelos para fazer a escolha de boas sementes. (SANTOS, 1948, p. 2).

Cavadores, enxadas e arados, eram esses os instrumentos que eram usados pelas professoras nas aulas práticas do “Curso Rural”. Assim, mudam-se os tempos, mudam-se as finalidades e designações dos cursos de formação de professores. O claro objetivo de criar uma mentalidade agrícola em alunos e professor deveria ser acompanhado de transformações materiais, pois o governo não pensava uma escola rural “[...] sem preparação especial do professor, sem o instrumento agrícola à mão e a área de terra cultivável à disposição da mesma escola” (SERGIPE, 1950, p. 15), conforme José Rollemberg Leite escreveu em mensagem à Assembleia Legislativa. Deste modo, os instrumentos agrícolas nos convidam a fazer novas incursões pelos cursos de formação de professores rurais. A Figura 3 mostra a professora manejando o arado, sob a supervisão do professor José Ribeiro Filho:

Figura 3 - Professoras rurais em aula prática com o professor e técnico agrícola José Ribeiro Filho em 1950.



Fonte: ESTADO DE SERGIPE. Relatório do Curso de formação de professores rurais (1950).

O cultivo de hortaliças – como pimentão, couve, tomate, cenoura e maxixe – era recorrente e estava relacionado à vocação local do estado. A professora Olga Coelho Fontes relatou: “Falando nas hortaliças nos disse o professor: o pimentão é uma hortaliça fruto que não se faz semeio definitivo. A couve tem 3 operações: semeio, repicagem e o lugar definitivo no canteiro” (FONTES, 1948, p. 2). O entendimento sobre os períodos de cultivo e sobre a mutação da hortaliça indica que o processo descrito se assentava sob os pressupostos da Engenharia Agrônoma. Sobre este aspecto, a professora relatou: “A passagem da planta da sementeira ao solo, só se faz quando as mudas começam a sair as duas folhas dicotiledôneas, essa passagem chama-se Repicagem” (FONTES, 1948, p. 2). A professora prosseguiu relatando:

O tomate que é uma hortaliça fruto é bastante importante. Quando o tomateiro está com 40 a 50 cm é indispensável se colocar em cada, um tutor, essa operação se chama Espaldeiramento. O tutor é uma haste que se deve colocar nos tomates, ou em outra qualquer variedade, para que os mesmos se enrosquem, evitando assim a quebra das plantas. O tomate deve ter espaçamento de 80 cm por 40 cm; 80 cm fileiras e 40 entre pés. O tomate que mais apreciei foi o “Rei Humberto” é bem desenvolvido e de forma redonda. A cenoura faz-se o semeio definitivo em linha de 20 cm e depois faz-se o desbaste. O desbaste consiste em arrancar um pé de cenoura em cada grupo, deixando 10 cm de espaço entre um e outro pé. O melão, hortaliça de qualidade. O maxixe, hortaliça de pouca importância. A sementeira de campo do verão deve ser coberta. (FONTES, 1948, p. 2).

O cultivo sistemático de frutas e verduras combinava técnica e métodos agrícolas com a vocação própria do meio rural sergipano. O que até então era cultivado de maneira empírica e rudimentar abriu espaço para o que era considerado moderno para a época. Verifica-se a construção do profissional docente como instrumento necessário para formar as novas gerações. Sobre a experiência de formação de professores rurais no Brasil, ressaltou Maria Elisabeth Miguel (2010, p. 85): “o professor deveria aprender o básico para ensinar aos seus alunos a ler, escrever e contar e eram privilegiadas as técnicas de trabalho rural, do trato da terra, da produção e do cultivo de agrícolas”. No geral, o governo insistia em adotar políticas para fixação do homem no meio rural. Essa formação contemplava uma preparação com base em técnicas agrícolas, acrescidas de saberes do domínio da irrigação, semeio, período de colheita, repicagem, mudas, entre outros.

Considerações finais

Em último lugar olhamos os canteiros com plantações de couve, pimentão, tomate, cenoura etc. Algumas dessas, já estavam produzindo frutos, aí foi o final de nossa aula, deixando em nossas mentes a mais viva saudade. (S/A, 1948b, p. 1).

Ao final da leitura dos oito relatórios das professoras primárias rurais, pode-se compreender a sucessão de sensações e experiências vividas sobre um tempo que aqui foi lembrado e interpretado. Com efeito, acredita-se que a busca pelo entendimento da formação da mentalidade agrícola no relatório produzido pela professora proporcionou um encontro do leitor com diversas pessoas e cotidianos.

No início deste texto levantamos perguntas que, em que pese às limitações, foram respondidas em seu desenvolvimento. Em síntese, os relatórios foram produzidos pela necessidade de atender às exigências do curso, para fins de avaliação, mas acabaram por relevar aspectos sobre a formação de uma geração de professoras rurais. Os relatórios foram produzidos em um período histórico marcado por iniciativas de moldar a escola primária em conformidade com o meio para a proposição de uma escola de caráter especificamente rural, ou seja, com desígnios, infraestrutura, programas de ensino e professores especializados que pudessem criar nas crianças uma nova mentalidade agrícola, isto é, o apreço pela vida rural compreendendo a importância da atividade agrícola para o desenvolvimento econômico e social do estado de Sergipe.

Deixa-se aqui, então, as últimas palavras, que outros textos poderão surgir acerca da formação da mentalidade agrícola nos cursos de formação de professores rurais em Sergipe. Esta reflexão pode, portanto, contribuir para estudos posteriores, incluindo os de perspectiva comparada com outros estados do Brasil.

Referências

ÁVILA, Virgínia Pereira da Silva de. **História do ensino primário rural em São Paulo e Santa Catarina (1921 – 1952):** uma abordagem comparada. 215f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2013.

BARRETO, Luiz Antônio. **Acrísio Cruz antologia.** Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blank. A formação do professor para as escolas rurais e as políticas de educação do homem do campo. In: WERLE, F. O. C. (org.). **Educação rural: práticas civilizatórias e institucionalização da formação de professores**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2010.

SANTOS, Jonatha Daniel; ALVES, Rozane Alonso. Uma análise histórica sobre a educação escolar indígena no estado de Rondônia. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 7, n. 17, p. 212-231, Jan./dez., 2020.

SIQUEIRA, Maryluze Souza Santos. **Revolver a terra, semear a memória e regar a história: o campo de formação do professor primário rural em Sergipe (1946-1963)**. 2019, 297f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju, 2019.

SILVA, Rony Rei do Nascimento. **Memórias caleidoscópicas: configurações das escolas rurais no estado de Sergipe (1947 – 1951)**. 2016, 200f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2016.

SILVA, Rony Rei do Nascimento; MESQUITA, Ilka Miglio de. Por uma mentalidade agrícola: o fazer-se professor rural pelos cursos de treinamento e aperfeiçoamento no estado de Sergipe - Brasil (1947-1951). **Revista del IICE**. Buenos Aires, nº. 40. p. 133-148, 2016.

SILVA, Rony Rei do Nascimento; MESQUITA, Ilka Miglio de. A apropriação do ruralismo pedagógico e a materialidade da escola rural no estado de Sergipe (1947 - 1951). **Educação em revista (Unesp. Marília)**, Marília, p. 6-32, 2018a.

SILVA, Rony Rei do Nascimento; MESQUITA, Ilka Miglio de. Mulheres com enxadas e lápis na mão: histórias de professoras primárias no meio rural sergipano (1930-1950). **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 3, n. 4, set./dez., p. 1344-1370, 2018b.

SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa Estadual por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1948**, pelo Dr. José Rollemberg Leite, governador do estado de Sergipe. Aracajú: Diretoria Geral Do Departamento de Educação. 1948.

SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa Estadual por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1949**, pelo Dr. José Rollemberg Leite, governador do estado de Sergipe. Aracajú: Diretoria Geral Do Departamento de Educação. 1949.

SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa Estadual por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1950**, pelo Dr. José Rollemberg Leite, governador do estado de Sergipe. Aracaju: Diretoria Geral do Departamento de Educação. 1950.

SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa Estadual por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1951**, pelo Dr. José Rollemberg Leite, governador do estado de Sergipe. Aracajú: Diretoria Geral Do Departamento de Educação. 1951.

WESCHENFELDER, Noeli Valentina. A docência e as instituições escolares: pautas das políticas culturais para educação rural. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa (org.).

Educação rural em perspectiva internacional: instituições, práticas e formação do professor. Ijuí/RS: Unijuí, 2007.

Fontes

FONTES, Olga Coelho. **Relatório do Curso de formação de professores rurais.** 1948.

RODRIGUES, Dalva Melo de Araújo. **Relatório do Curso de formação de professores rurais.** 1948.

SANTANA, Leticia Soares. **Relatório do Curso de formação de professores rurais.** 1948.

SANTOS, Maria José dos. **Relatório do Curso de formação de professores rurais.** 1948.

SEM AUTOR. **Relatório do Curso de formação de professores rurais.** 1948a.

SEM AUTOR. **Relatório do Curso de formação de professores rurais.** 1948b.

SILVA, Isabel Alves. **Relatório do Curso de formação de professores rurais.** 1948.

SILVA, Isabel Oliveira. **Relatório do Curso de formação de professores rurais.** 1948.

Enviado em: 15/07/2020.

Aceito em: 03/12/2020.

Publicado em: 14/12/2020.